

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO: ESTUDOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR QUE
ABORDAM AS QUESTÕES DE PERMANÊNCIA E EVASÃO SOB TRÊS
DIMENSÕES**

Ludmila Vanessa Quirino dos Santos

RIO DE JANEIRO

2022

LUDMILA VANESSA QUIRINO DOS SANTOS

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO: ESTUDOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR QUE
ABORDAM AS QUESTÕES DE PERMANÊNCIA E EVASÃO SOB TRÊS
DIMENSÕES**

Monografia submetida à
Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras na
habilitação Português/ Grego.

Orientador: Prof. Dr. Mônica de Souza Houry

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

SS237r Santos, Ludmila Vanessa Quirino dos
Relato Autobiográfico: estudos da educação superior que abordam as questões de permanência e evasão sob três dimensões / Ludmila Vanessa Quirino dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2022.
26 f.

Orientadora: Mônica de Souza Hourí.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Grego, 2022.

1. Autobiografia. 2. Lei de Cotas. 3. Ensino Superior. 4. Evasão. 5. Permanência. I. Hourí, Mônica de Souza, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus que sempre me proporciona grandes oportunidades na vida como esta que estou vivendo.

Gostaria de agradecer àqueles que contribuíram de diversas formas nesta jornada.

Aos meus pais, Luzia e Luis (*in memoriam*), obrigada por todo amor, dedicação, incentivo e esforço que me possibilitaram chegar até aqui.

Ao meu marido, Ronan, que esteve ao meu lado nessa caminhada ao longo dos anos me apoiando e me ajudando como pôde.

À minha orientadora, Mônica Houri, meus sinceros agradecimentos por ter tanta paciência comigo em um período tão longo e incomum, e por me mostrar novos caminhos como a trajetória autobiográfica.

Aos meus colegas que foram bolsistas da biblioteca José de Alencar, que caminharam comigo por alguns anos, me divertindo e fazendo essa caminhada mais leve.

À Cila, que foi a minha chefe no período que fiquei na biblioteca José de Alencar e me possibilitou trilhar um caminho até então desconhecido, serei eternamente grata pelo seu coração e sua boa vontade.

Aos meus professores, minha eterna gratidão àqueles que repartiram comigo de alguma forma os seus conhecimentos.

EBENÉZER.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.

FREIRE 2011.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo ressaltar a discussão dos estudos da Educação Superior, suas questões sociais sobre permanência e evasão a partir da Lei 12.711/12. São enfatizadas as aventuras e desventuras relacionadas às práticas de ensino e apoio pedagógico e financeiro. Este trabalho realizou pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos sobre educação superior, que foram analisadas e postas em diálogo com a minha própria experiência de estudante cotista do curso de Licenciatura Letras Português-Grego. Portanto, essa pesquisa lançou mão do procedimento teórico-metodológico da autobiografia.

Palavras-chave: Autobiografia; Evasão; Permanência; Educação Superior; Lei de Cotas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 2 – NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	08
2.1 – Dimensão Material.....	15
2.2 – Dimensão Pedagógico-Institucional.....	16
2.3 – Dimensão Simbólico-Subjetiva.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade a discussão sobre os estudos da Educação Superior e a trajetória de escolarização até a formação na universidade através do recurso metodológico de narrativas autobiográficas, recorrendo à memória. Dessa forma, irei revisitar meu percurso acadêmico e ressignificá-lo para então seguir na trajetória profissional escolhida.

Este trabalho tem o objetivo de trazer a reflexão sobre a jornada acadêmica e pessoal até chegarmos à profissional. Tendo em vista as questões de permanência e evasão no ensino superior em três dimensões que se combinam entre si: Dimensões material, pedagógico-institucional, simbólico-subjetivo (HOURI, 2016, 2018; SANTOS, 2009, UFRJ). E os panoramas das transformações a partir da Lei nº 12.711/12.

Pretendo ao longo deste trabalho desenvolver reflexões sobre a trajetória escolar através das minhas experiências. A partir do trabalho autobiográfico - que se refere à compreensão e às transformações da realidade sobre as histórias de vida trazidas à memória - em um processo de conhecimento e formação. Ou seja, discursar sobre percursos e mudanças narradas a partir de minha história pessoal em diálogo com a literatura sobre Educação Superior no Brasil.

Lembrar os incursos da minha formação acadêmica em uma universidade federal tão disputada, me faz reviver não só os bons momentos que passei, mas também as desventuras até chegar a ela. As expectativas colocadas acerca do ensino superior são muitas. A trajetória na universidade é árdua e muitas vezes desafiadora, não para todos, pois alguns já são preparados desde cedo para esse ambiente acadêmico, mas quem não tem as mesmas oportunidades de cursar um bom preparatório ou uma boa escola o processo é laborioso.

No ensino médio estudei em escola pública onde havia alta defasagem de professores, e conseqüentemente, perda de matérias. Logo, na prova do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, não consegui obter pontos necessários para uma bolsa na faculdade particular e/ou uma vaga na Universidade Pública.

Ainda sim quis entrar em uma faculdade, fiz o curso de Arquitetura e Urbanismo em uma faculdade particular, com a ajuda do programa de Financiamento Estudantil, o Fies. Eu não me adaptei a este curso; apenas fiz porque era o sonho do meu pai, mas tive que abdicar dos sonhos dele para viver os meus. Houve vários fatores para minha evasão do curso, sobre os quais falarei com mais detalhes posteriormente,

consequentemente tranquei a faculdade e comecei a fazer cursinho pré-vestibular - o primeiro de um Projeto Pré-vestibular Social - PVS, e depois um pago - nesse momento da minha vida eu trabalhava na parte da manhã e estudava na parte da tarde e noite.

O trajeto para entrar na Universidade foi árduo e cansativo, porém esse foi só o começo, houve perdas, recomeço, conquistas e uma transformação na forma de ver o ensino e o magistério, ganhei um olhar mais sensível quanto às lutas e dificuldades que os alunos passam para garantirem um diploma. E de fato isso mudou meu olhar em relação à profissão de professora.

No mais, ao longo deste trabalho, devemos pensar no papel da universidade e dos professores nesse processo de formação do aluno. É inevitável não pensar em tais questões e não trazer as ressignificações dos novos perfis dos alunos que ocorreram a partir da lei de cotas e da continuidade ou a descontinuidade da permanência dos mesmos em uma universidade.

Para isso, foram realizadas análises sobre a questão de evasão e permanência através de bibliografia básica que inclui, dentre outros, Ristoff (2016), HOURI, (2016, 2018) e SANTOS, (2009), e que aprofundam e abrangem os estudos sobre essas questões e sobre as dimensões envolvidas nesse processo de permanência ou a não permanência na educação.

Ao refletir sobre os panoramas da chamada Lei de Cotas e os impactos que teve dentro das universidades tanto no âmbito institucional quanto material e, consequentemente, trazendo mudanças pedagógicas, pois, o perfil que agora frequentam as universidades são outros, busco dar sentido a este assunto através da minha jornada de formação na Faculdade de Letras.

Assim, no primeiro momento apresento alguns aspectos de minha trajetória pessoal e escolar. No segundo momento irei discutir sobre a decisão de sair da faculdade particular, a entrada e as questões que envolveram a permanência na faculdade de Licenciatura da Universidade Pública, bem como os motivos e auxílios financeiros que me ajudaram a permanecer nela. Por fim, no terceiro momento irei enfatizar as dimensões material, pedagógico-institucional, simbólico-subjetiva.

2. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Antes de falarmos da narrativa como objeto autobiográfico, vamos falar sobre a retórica, pois ambos concernem à narrativa, a política e o discurso. Desde a Grécia Clássica a civilização constitui formas de estabelecer a linguagem e o discurso persuasivo. É interessante pensarmos como a língua e a linguagem se renovam sem perder as suas raízes e características. A definição de Aristóteles:

ἡ δὲ ῥητορικὴ περὶ τοῦ δοθέντος ὡς εἶπειν δοκεῖ δύνασθαι θεωρεῖν τὸ πιθανόν (a retórica parece ser capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto) (ARISTÓTELES, 2005, p.96)

Aristóteles compreende a retórica como estrutura persuasiva básica do direito, da política e da arte, não apenas uma tomada de decisão instrutiva, mas uma faculdade para descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão (Aristóteles 2005, p.96) ou seja, não era apenas uma questão para a base de tomada de decisões na democracia da Grécia Clássica.

Aristóteles (2005) diz também que o discurso científico é próprio do ensino. E com essa afirmação é possível fazer um paralelo com as narrativas autobiográficas adotadas nesta monografia e a retórica num contexto de democracia. Isto é, os princípios básicos da isegoria (direito a voz) e a isonomia (igualdade), ou ainda, o direito estabelecido para que o cidadão fale em público e a igualdade entre os cidadãos me autoriza a exercer essa escrita autobiográfica e colocar em prática meu direito à voz em primeira pessoa acerca das experiências por mim vividas e em diálogos teóricos.

O princípio de igualdade estabelecido na Grécia Clássica pela constituição era que todas as pessoas são iguais, e sem distinção, no entanto, como haver igualdade em uma sociedade desigual? Hourri (2016, 2018), SANTOS (2009) estabelecem três dimensões que exemplificam de modo claro que as desigualdades que operam nas questões pedagógicas, simbólico-subjetivas e materiais em uma instituição de ensino superior, causando disparidade entre os alunos e muitas vezes essa dessemelhança é o motivo para que um aluno não permaneça neste ambiente.

Teixeira (2003) descreve a modalidade de escrita autobiográfica, também compreendida como trabalho de subjetividade e de memória que funciona para dar

uma nova perspectiva dos acontecimentos para escolhas de encaminhamentos das trajetórias e para construção contínua como sujeito daquele que escreve. Afirma que a subjetividade descrita na narrativa autobiográfica ocorre segundo a sequência crítica na continuidade da vida descrita. No entanto, não encontramos muitas pesquisas na área da graduação à disposição, pois o formato de escrita autobiográfica ainda é um gênero pouco utilizado no meio acadêmico.

O modo de construir de forma simbólica e objetiva as minhas narrativas me fez repensar o processo evolutivo da vida e ressignificar as perspectivas e interpretações como futura professora de Língua Portuguesa dando voz a minha história dentro de um contexto ao qual fui exposta devido às circunstâncias que exporei no decorrer do trabalho.

Sendo assim, falar sobre os meus percalços, minha vida escolar e acadêmica, é de certa maneira submergir em meus pensamentos e lembranças, entendidas nos meus processos amplos, não só em relação às disciplinas ou às dificuldades com as matérias, mas também nos deslocamentos pela cidade, nas dimensões que permeavam a minha volta, nas amizades na faculdade e nas condições materiais que me faziam permanecer ali.

Houri (2016; 2018) e SANTOS (2009) ressaltam três dimensões que parecem englobar possíveis razões para a não permanência dos alunos, são elas as dimensões material, pedagógico-institucional, simbólico-subjetiva. Essas três dimensões não podem ser levadas em conta de maneira isolada, uma vez que compõem uma mesma racionalidade, ou seja, elas são o tempo todo entrelaçado e combinado.

A dimensão material aborda a questão dos recursos financeiros que o aluno precisa para se engajar na faculdade, isto é, a necessidade econômica do aluno, se o aluno precisa trabalhar ou se recebe algum auxílio ou bolsa da universidade, incluindo ainda alimentação, compra de material pedagógico, custo de deslocamento pela cidade e de moradia, dentre outras questões.

A dimensão pedagógico-institucional aborda a questão da ordem pedagógica e institucional, ou seja, alunos que sentem dificuldades de acompanhar o andamento das aulas e alcançar o desempenho desejado, possível desinteresse pelo currículo,

relações com os docentes, dificuldade de realizar todas as disciplinas propostas para a finalização do curso no tempo previsto pela instituição, dentre outros aspectos.

Por sua vez, a dimensão simbólico-subjetiva, um pouco mais complexa, abrange tanto questões da ordem do sentimento de pertencimento, quanto de ordem mais pessoal de escolha de carreira e vida.

No entanto, reforçando o que já foi dito antes, não é possível colocá-las de forma singular; as três dimensões são definidas entre si.

Essa narrativa autobiográfica vai falar sobre a minha trajetória à luz dessas três dimensões. Eu moro em um bairro da baixada fluminense, Duque de Caxias, precisamente há 26 anos, do ensino fundamental I e II ao ensino médio estudei em escolas públicas nos bairros de Duque de Caxias e Belford Roxo no Rio de Janeiro. Nos anos em que cursei o ensino médio havia alta defasagem de professores, o que dificultou a minha entrada em uma universidade pública ou com bolsas em faculdades particulares, já que a falta de professores implica em falta de matérias. Contudo, quando finalizei o ensino médio, em 2012 (primeiro ano da Lei de Cota, a qual eu ainda não conhecia), consegui entrar na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, recorrendo ao Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) , que como nos afirma Ristoff:

O Fies, a partir de 2010, deixou de ser um programa de permanência do estudante no setor privado e passou a ser um amplo programa de expansão do acesso à educação superior, especialmente em função dos baixos juros e de inovações no sistema de fiança.
(RISTOFF, 2016, p. 26)

E graças ao FIES, também contraí uma dívida imensurável para a minha realidade financeira, que mesmo depois de nove anos ainda pago com dificuldade. O FIES foi a minha porta de entrada para a faculdade. Muitas pessoas que, assim como eu, não conseguem bolsas de estudo ou uma vaga na universidade pública e não têm recursos financeiros para arcar com as mensalidades e as demais despesas recorrem ao financiamento. Este recurso expandiu, não exatamente democratizou, o acesso ao ensino superior privado, no entanto o panorama

consecutivo são, em muitos casos, realidades iguais as minhas, dívidas altas com juros crescentes que dificultam o pagamento de um débito que, por vezes, pode se igualar a um carro ou casa dependendo do curso.

No mais, o curso foi de grande aprendizado, mas não me adaptei, pois era o sonho do meu pai, que anteriormente e com muita dificuldade havia passado para o curso de engenharia civil pela UFRJ, mas devido aos desencontros de informações, acabou perdendo a data de matrícula. Dadas as circunstâncias, me vi em um sonho que não era meu, além de estar em uma faculdade com uma realidade muito distinta da minha, eu não me sentia pertencente àquele lugar, muito menos compartilhava as mesmas experiências que meus colegas, então tranquei a faculdade e comecei a me dedicar e correr atrás do tempo e matéria perdidos e conseguir uma vaga no ensino superior público. Vemos aqui tanto a dimensão material, quanto a simbólico-subjetiva. Vejamos.

É importante ressaltar que o fato de não se sentir pertencente a um lugar pode ser fator para a desistência em uma universidade, como foi o meu caso, a dimensão simbólico-subjetiva deve ser levada em consideração como um dos motivos para a evasão no ensino superior.

Por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), em 2015, consegui uma vaga para o curso de letras português-grego na Faculdade Federal Fluminense (UFF), havia finalmente conseguido minha vaga na universidade Federal, passei nas vagas reservadas à Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas.

A partir de 2013, o Sisu passa a incorporar, para as universidades e institutos federais, as regras previstas pela Lei de Cotas (Lei no 12.711, de 29 /8/2012). Estabelece, em seus artigos 1º e 8º:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 8º As instituições de que trata o art. 1º desta Lei deverão implementar, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) da reserva de vagas prevista nesta Lei, a cada ano, e terão o prazo máximo de 4 (quatro) anos, a partir da data de sua publicação, para o cumprimento integral do disposto nesta Lei. (RISTOFF, 2016, p.28)

Ristoff menciona a importância da lei nas universidades e nas vidas dos alunos que outrora não teriam essa chance, não vivemos em um mundo de meritocracia ou igualdade, logo o que resta é tentar equiparar a diferença social trazendo políticas que igualem as oportunidades.

Dando sequência a minha trajetória, eu havia conseguido a vaga, mas não consegui ajuda financeira, logo após a morte do meu pai, em 2015, que era o meu principal provedor financeiro e meu maior incentivador, eu tive que sair da UFF, pois não conseguiria dar conta das despesas de moradia, bandejão, transporte entre outros.

Conseguí novamente uma vaga, agora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2015, outro grande sonho do meu pai, também por meio da Lei de Cotas, com recorte de renda e raça. No entanto, dessa vez eu tive ajuda financeira logo no início da faculdade, o Auxílio Permanência que durou seis meses. A Pró-Reitoria de Políticas Estudantis - PR7 elaborou uma Política de Assistência Estudantil que contemplava as demandas dos alunos, a qual eu fazia parte com isso criou a resolução nº 02/2019.

Art. 29. O Auxílio Permanência consiste em benefício financeiro mensal, com a finalidade de auxiliar na permanência de estudantes com matrícula regular, ingressantes pela modalidade de renda da Política de Ações Afirmativas, com renda familiar de até 0,5 (meio) salário mínimo per capita, conforme a disponibilidade orçamentária. (UFRJ, PR7, 2019)

Este foi um fator determinante para minha continuidade na graduação. A dimensão material, assim como as outras dimensões, é um aspecto importante para a permanência de um aluno na universidade e é primordial. Agora, com ajuda financeira para o transporte público, material didático e bandejão eu podia estudar tranquilamente, sem desconiliar a mente com apertos financeiros.

Ressalto novamente a importância de todas as dimensões serem trabalhadas simultaneamente, pois uma complementa a outra. Ao olhar especificamente a dimensão material na vida acadêmica do aluno, é possível perceber que essa é uma das razões para a não permanência nos campus das universidades, muitas vezes o aluno sozinho não consegue arcar com as despesas de passagem de ônibus, por exemplo. No meu caso, eu morava em Duque de Caxias e estudava na ilha do

Fundão, pegava duas e às vezes três conduções para chegar à faculdade, eram quase quatrocentos reais gastos apenas em passagens.

Houri (2016, 2018) e Ristoff (2016) e Santos (2014) mencionam as mudanças sociais que aconteceram nas universidades públicas federais a partir da Lei de Cotas, e a necessidade de se criar políticas, editais e planejamento para abraçar esse estudante e auxiliá-lo em sua permanência e conclusão dos cursos. Nos cursos de Letras, por exemplo, verifica-se grande dificuldade de permanência e conclusão, inclusive por conta da necessidade de conciliar a carga horária do curso de letras com um trabalho comum de CLT. Comigo ocorreu algo parecido, logo após o fim da vigência do auxílio, eu procurei um trabalho para suprir as questões financeiras, mas o horário integral de estudo me impossibilitava de conciliar os dois, por fim, decidi abrir mão do trabalho para continuar estudando. Para muitos alunos que diferente de mim, não tem quem os ajude, a tendência é optar pelo trabalho ao invés do curso superior. Minha mãe me ajudava financeiramente como podia, e por muitas vezes eu tinha que decidir quais dias da semana iria para aula, pois não tinha dinheiro de passagem, bandejão e xerox para a semana inteira.

Após um período de aperto financeiro, eu consegui uma vaga como bolsista administrativo na biblioteca José de Alencar. Essa bolsa, junto com a ajuda da minha mãe, me auxiliou com a passagem e eu não precisava mais fazer roleta russa com as matérias que eu cursaria, passei então a parte diurna estudando as matérias, a parte vespertina trabalhando e a parte noturna estudando. Minha chefe, Cila, a quem sou grata e por isso menciono seu nome, me ajudava como podia, me liberando para aulas e para estudar para as provas.

Cerca de um ano antes da pandemia que se instaurou no mundo, eu havia conseguido outras duas bolsas, auxílio material didático e auxílio transporte intermunicipal, logo, deixei minha mãe respirar financeiramente, pois as bolsas me traziam segurança para estudar sem me preocupar com a questão material, melhorando a qualidade acadêmica.

I – Auxílio Transporte Intermunicipal, destinado a estudantes de cursos presenciais que residam em municípios distintos do campus em que estão matriculados, selecionados a partir dos critérios e normas dispostos nesta Resolução e por meio de edital público;
Art. 27. O Auxílio Material Didático consiste em benefício financeiro, com a finalidade de suprir parcialmente as despesas com aquisição de material didático e pedagógico necessários para o pleno

desenvolvimento das atividades dos cursos de graduação presenciais, visando contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, selecionados a partir dos critérios e normas dispostos nesta Resolução e por meio de edital público. (UFRJ, 2019)

A Política de Assistência Estudantil entende que os benefícios são direcionados para a permanência do aluno na graduação e para a conclusão do curso, incluindo também o ponto de vista da inclusão social, formação ampliada, produção de conhecimento, com isso, produzir a melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida do estudante.

A política de assistência estudantil é muito importante na vida de muitos alunos que possuem dificuldades financeiras, pedagógicas entre outras.

Art. 7º Os programas que compõem a Política de Assistência Estudantil são: I – Programa de Acolhimento em Saúde; II – Programa de Alimentação; III – Programa de Apoio a Estudantes Mães e Pais; IV – Programa de Apoio Pedagógico; V – Programa de Combate a Opressão e Violência; VI – Programa de Esporte e Lazer; VII – Programa de Incentivo à Cultura; VIII – Programa de Moradia Estudantil; IX – Programa de Transporte; X – Programa de Atendimento a Situações Emergenciais. (UFRJ, PR7, 2019)

Dentre os auxílios oferecidos, eu participei do auxílio financeiro, mas também do programa de esporte e lazer, jogando vôlei e tênis presencialmente. Esses programas são de suma importância para o bem estar físico, psicológico e para o bom desenvolvimento acadêmico.

Art. 16. O Programa de Esporte e Lazer (Agita/PR-7) consiste na oferta de atividade física, esporte e lazer com a finalidade disseminar tais práticas voltadas para a melhoria da saúde e da qualidade de vida, bem como para a promoção de aspectos positivos de socialização, contribuindo para ampliar as condições de permanência de estudantes. (UFRJ, PR7, 2019)

A dimensão simbólico-subjetiva foi a porta de entrada para a faculdade de letra, começando pelo dia da inscrição, em que fui muito bem recebida com gritos de apoio e felicitações por aqueles que seriam meus futuros colegas. Diferente da outra faculdade, aquela do curso de Arquitetura, aqui eu não me sentia excluída, ao contrário, sentia que na Faculdade de Letras eu tinha meu espaço, voz (isegoria) e pessoas que passavam pelas mesmas ou piores dificuldades que eu. Havia troca de experiências, perrengues coletivos, mas havia antes de tudo muito companheirismo e amizade.

Há muitas possibilidades para a saída do aluno das universidades. No começo, não tive apoio pedagógico e algumas vezes passava por situações constrangedoras nas salas de aula, com comentários de professores criticando alunos que vieram de escolas públicas. Houve um episódio em que a professora de produção e leitura de textos em Língua Portuguesa - LP havia me chamado de analfabeta funcional por um equívoco na produção de um argumento. Com a ajuda e as denúncias dos meus colegas de classe a professora foi desligada da faculdade, obviamente ela não havia feito isso somente comigo, mas também para outros alunos.

A dimensão pedagógico-institucional é sobre isso, quer dizer, tanto se sentir pertencente, como o que narrei do acolhimentos do meus colegas no meu ingresso, quanto sentir que não é capacitado o suficiente para fazer parte do meio acadêmico, como no episódio que acabo de narrar com a professora, compondo mais motivos que causam desistências.

Portanto, é imprescindível que as universidades adotem medidas de apoio pedagógico e/ou institucional, que em alguma medida afetam a dimensão simbólico-subjetiva, para a continuidade dos alunos dentro da sala de aula. A UFRJ já trabalha neste campo, como podemos verificar abaixo:

Art. 14. O Programa de Apoio Pedagógico (Descomplica/PR-7) consiste em ações de orientação a docentes, coordenações de curso e estudantes beneficiários das ações desta Política ou com demandas pedagógicas relacionadas a processos de estudo e trajetória acadêmica, atuando de maneira integrada com as unidades acadêmicas. (UFRJ, PR7, 2019)

Adensarei os paralelos da minha experiência com as dimensões mencionadas trazendo outros elementos e ampliando a discussão.

2.1 - DIMENSÃO MATERIAL

A Lei nº 12.711/2012 teve um impacto importante e trouxe um novo perfil de estudante que ingressaram nas universidades provenientes de classes socioeconômicas majoritariamente excluídas da sociedade. Além disso, a quantidade de pretos começa a se aproximar mais dos percentuais da sociedade (RISTOFF, 2016), ou seja, alunos negros de baixa renda adentram as portas das universidades, que outrora, era frequentado por pessoas brancas elitizadas.

Com isso, é necessária uma política de auxílios financeiros para esses novos alunos, que assim como eu, tem dificuldades para se manterem financeiramente. Essas questões da dimensão material abrangem as necessidades econômicas dos alunos e os auxílios são decisivos para a permanência de alunos de baixa renda, com os cursos, que muitas vezes, tem disciplinas em diferentes turnos e acaba impossibilitando os alunos, que em sua maioria é constituído de estudantes-trabalhadores, de concluírem seus cursos (HOURI, 2016, 2018).

Segundo Ristoff (2014), mesmo com o aumento dos alunos negros e de baixa renda nas universidades, o impacto dessa representatividade não se sobressaiu nos cursos considerados de alta demanda como Medicina, mas nos cursos de baixa demanda como Pedagogia e Licenciaturas. Entretanto, esses já eram anteriormente ocupados majoritariamente por alunos oriundos de escolas públicas e filhos de pais de baixa renda que tem pouca ou nenhuma escolaridade.

A crise financeira causada pela pandemia, iniciada em 2020, se tornou um fator para a evasão dos alunos nas universidades públicas e privadas. A falta de acesso aos recursos tecnológicos e a internet causaram um agravamento para uma possível evasão da universidade. Como a tecnologia tem se destacado e se tornado primordial nesses últimos dois anos devido ao covid-19 e a política de distanciamento, muitos alunos não tiveram a possibilidade de dar prosseguimento às atividades acadêmicas, optando por esperar a volta presencial. No entanto, a UFRJ adotou a política afirmativa COVID-19 para aqueles que precisam. Como podemos ver a afirmativa a seguir:

§1º O Auxílio Emergencial COVID-19 A será destinado, exclusivamente, aos estudantes dos cursos de graduação, com matrícula ativa, que já possuem o auxílio denominado Auxílio Alimentação (gratuidade nos restaurantes universitários), obtido por meio de classificação em Editais de Auxílios promovidos pela PR7. (UFRJ, PR7, 2020)

2.2 – DIMENSÃO PEDAGÓGICO-INSTITUCIONAL

Dadas as circunstâncias do novo perfil de aluno que Ristoff (2015) menciona, é importante que o aluno se sinta alocado nos determinados moldes da área

acadêmica. Visto que muitas vezes, com o desfalque de certos conhecimentos, os alunos sintam dificuldade de acompanhar as aulas e alcançar o devido desempenho que se espera (HOURI, 2016,2018).

Na minha caminhada acadêmica, logo no início, ainda da faculdade de Arquitetura, não havia nenhum apoio pedagógico disponível para alunos que vieram de escolas públicas e não tiveram contato com a maioria das matérias, era tudo aprendido, ou não, na cara e na coragem. No entanto, na Faculdade de Letras, após alguns períodos, não no começo, tive consciência do apoio pedagógico que a Faculdade de Letras, junto com a Faculdade de Educação oferecia aos alunos, tive conhecimento também do apoio psicológico gratuito para os alunos regularmente matriculados.

Em suma, a dimensão pedagógico-institucional compreende a realidade dos alunos que vieram de situações de vulnerabilidade socioeconômica e muitas vezes não tiveram a oportunidade de se equiparar academicamente com os demais alunos. Contudo, além de abordar o caráter institucional, Houri (2018) também destaca o papel do professor nesta situação, e ressalta a preparação dos mesmos, já que muitos reclamam da falta de preparo dos alunos e culpam as escolas, entretanto, é importante ressaltar o papel de destaque nos professores que recebem, logo nos primeiros períodos, esses alunos que precisam de mais atenção na formação.

Todavia, os alunos que ingressam na faculdade parecem não estar nos mesmos moldes de alunos ideais que um professor universitário espera. E quem culpar então? O aluno que árduamente conseguiu vencer suas barreiras limitantes para entrar na faculdade? O professor que geralmente não dá o suporte suficiente para que o aluno se sinta acolhido nesse momento de choque transitório entre a escola e a universidade? Ou o ensino básico que não cumpre com a função curricular de preparar dentro das escolas os alunos que irão vivenciar outros ambientes acadêmicos? Uma coisa é certa. É preciso refletir e alterar essas realidades.

Russel (2009), afirma que é papel da escola alfabetizar, letrar e instruir o aluno. A educação em massa moderna traz consigo uma visão pré-moderna da

escrita como um conjunto único e generalizável de habilidades que se aprende uma vez e para sempre.

Outro exemplo da dimensão pedagógico-institucional, diz respeito à grade curricular dos cursos e às práticas pedagógicas. Na Faculdade de Letras, poucas pessoas se formam dentro do tempo previsto, a maioria termina dentro do prazo limite.

A pressão de sermos alunos dignos de uma universidade com parâmetros tão altos, frequentemente é um motivo para a ansiedade, entre outras doenças psicossomáticas, a pressão em não haver imprevistos na data prevista para o término do curso, a vergonha de repetir as matérias e se formar depois dos seus colegas de classe, atualmente eu vejo essas desventuras como fases na vida, mas anteriormente eu me envergonhava de estar cursando a faculdade desde 2015.2. Hoje compreendo que o meu relógio não governa o tempo dos meus colegas e cada coisa acontece no seu tempo e não há motivo de vergonha para isso.

Por isso, a importância em englobar as dimensões como um todo nas abordagens de viabilidades para a continuidade e conclusão do aluno no curso que escolheu.

2.3 – DIMENSÃO SIMBÓLICO SUBJETIVA

Esta é outra subdivisão tão importante quanto as outras duas anteriormente mencionadas pois se faz necessária nos parâmetros de acolhimento e pertencimento do curso. Ouvimos muitos relatos de colegas que trancaram o curso, pois não se encontraram nele, outras assim como ocorreu comigo, na faculdade particular, não se sentem pertencentes àquele ambiente, este fator, juntamente com os outros dois, me fizeram sair do curso que anteriormente fazia.

Para nos sentirmos pertencentes a determinados lugares, eles precisam fazer parte da nossa vivência, se aproximar da nossa realidade. Como eu já havia mencionado, me senti pertencente, mesmo com as adversidades, ao curso de Letras desde o primeiro dia de matrícula.

Ristoff (2005) afirma que grande porcentagem dos alunos da faculdade de Licenciatura e Pedagogia é oriunda de famílias de baixa renda e são pretos. Talvez por essa razão, minha experiência foi de fácil pertencimento, embora tenha vivido e presenciado algum tipo de discriminação, o ambiente geral da Faculdade de Letras era de conforto e identificação entre os estudantes.

Ele explica também que o Enade posiciona a construção do estudo e ensino em cinco variáveis de inclusão (1) renda familiar do estudante; (2) origem escolar do estudante; (3) cor do estudante; (4) a escolaridade dos pais do estudante e (5) a condição do estudante com relação à necessidade de trabalhar para o seu sustento.

Podemos perceber que cada uma das variáveis fazem parte de determinados aspectos das dimensões aqui estudadas, como por exemplo, a cor e a origem escolar do estudante fazem parte desta dimensão. Qual a relação entre elas? Simples, quando pensamos no fenômeno de evasão escolar esse é um marcador muito importante para entendermos sobre exclusão social e racismo. Quando não nos sentimos pertencentes a determinada classe social ou raça ou etnia é comum gerar efeitos como isolamento, dificuldade de aprendizagem entre outros. Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, eu me sentia muitas vezes excluída, primeiro, por ser a única aluna negra da sala, segundo por vir de uma realidade financeira muito diferente das dos meus colegas de classe. Na sala nunca houve preconceito pela minha cor, mas também não me sentia representada naquele lugar, não me via em outros alunos e professores. Vários outros fatores relacionados à sociabilidade podem causar a saída do aluno de uma universidade ou em qualquer outro contexto escolar.

Para alguns alunos o gatilho para uma evasão pode ser, preconceitos por bullying (por ser trans, negro e pertencentes ao grupo de minoria) que infelizmente ainda é comum no contexto universitário; a maternidade é outro fator muito comum de evasão, pois muitas mulheres não têm suporte necessário para encontrar vagas em creche e com isso não têm com quem deixar seus filhos, não sendo permitido levá-los para as salas de aula. O módulo Educação da **PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - IBGE (2019)** aponta que esse é o segundo motivo para o abandono escolar, no contexto universitário não é diferente. Sabemos que o cuidado do filho geralmente recai sobre as mulheres e atualmente algumas

universidades têm políticas afirmativas que garantam às mães de terem o direito à educação garantido.

Art. 13. O Programa de Apoio a Estudantes Mães e Pais (Vamos Juntos/PR-7) consiste em ações voltadas a permanência de estudantes mães e pais na Universidade, por meio de ações de conscientização do corpo social da UFRJ e da criação de locais que deem condições para o cuidado às crianças, como espaço parental, fraldário, espaço de amamentação, além de auxílio financeiro específico para este público, conforme as disponibilidades orçamentárias. (UFRJ- PR7, 2019)

O contexto pandêmico também se encaixa na dimensão simbólico-subjetivo, os problemas psicológicos causados pela doença afetaram os alunos da sala de aula e teve um impacto grande na permanência desses alunos causando a depressão e ansiedade . Em artigo jornalístico (G1, 2021) vemos pesquisa que indica os impactos causados por dois anos de distanciamento e isolamento social, ao que Marlova Noletto, diretora e representante da Unesco no Brasil, resume como:

uma catástrofe na aprendizagem (...) Nossos dados já apontam que o ensino superior é relativamente o mais afetado pela evasão na pandemia: devemos ter 7,9 milhões de estudantes a menos nas universidades do mundo”. (G1, 2021).

Ainda na mesma reportagem relata um fenômeno que nos chama a atenção por mostrar números positivos; vejamos:

“Na UFRJ, por exemplo, a presença de matriculados de fora do Rio de Janeiro chegou até a crescer em 2021: saltou de 974, no ano anterior, para 1.278. E o número de desistências diminuiu drasticamente: no primeiro semestre de 2021, foram 327 alunos que evadiram; no mesmo período de 2019 (antes da pandemia), 2.618 largaram o curso.” (G1, 2021)

Fato é que faz-se necessário voltar a atenção para os desdobramentos do período pandêmico sobre a movimentação de ingressos, evadidos, egressos e dos processos de permanência e formação nas universidades.

A UFRJ, por exemplo, adotou a política de ajuda psicológica e financeira, como já mencionado, com psicólogos à disposição dos alunos para consultas a preço popular e de graça à distância para aqueles que precisam. É de extrema importância que as universidades criem políticas como essa levando em consideração as tragédias causadas por uma doença em nível mundial e, assim, retomarmos a nova normalidade.

Por último, gostaria de trazer um elemento da formação do curso de Letras que envolve as três dimensões de forma inseparável. Me refiro à questão do currículo, tanto do tempo necessário para concluir o curso pela imposição das disciplinas que constroem o nosso currículo, quanto pelas questões de formação mesmo que ele proporciona (representatividade e preparação para a profissão)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo uma provocação que surgiu durante as orientações, procurarei agora, na conclusão, responder à seguinte provocação: quem eu era quando entrei na graduação; quem eu era ao final dela, e quem sou hoje com a escrita desse trabalho autobiográfico?

Fui desafiada a trazer à memória os tempos escolares e é bonito ver essa trajetória e o quanto eu evoluí. Dentro das dimensões mencionadas, cada uma traduz sentimentos que me fizeram refletir sobre o aprendizado. A questão do currículo para a formação no tempo estipulado para a conclusão do curso e sobre o que é realmente ensinado nas salas de aula envolvem essas três dimensões juntas. Olhar para trás não é ruim, não nos faz virar pedras, pelo contrário, nos traz um olhar maduro. Hoje vejo que a grade curricular de letras não comporta a necessidade de todos os alunos, além de ser muito extensa parece faltar estudar sobre escritoras mulheres, escritores e escritoras negros e negras, dentre outros conhecimentos menos hegemônicos.

Um curso cuja maior demanda é de estudantes negros de baixa renda tem poucas disciplinas que abranjam nossas realidades e vivências. Escritoras, mulheres negras como a Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo entre outras deveriam estar entre as disciplinas obrigatórias do currículo. Senti falta na minha formação de um apontamento maior para as mulheres na literatura; nós temos um currículo majoritariamente masculino e branco. Contudo, a representatividade feminina é tão importante quanto os que são considerados cânones. Mais uma vez, olhar para trás é importante, ainda assim, olhar para frente pode ser revolucionário. Ao analisar minha trajetória educacional, percebo a necessidade dessa visibilidade escancarada de escritoras negras na sala de aula também no período escolar.

Sendo assim, o caminho até este momento foi traçado com altos e baixos, às vezes com professores dispostos a ajudar, outras vezes dispostos a rebaixar, mas isso não foi impedimento para seguir a carreira que eu me identifiquei e comecei a amar. No entanto, com esses percalços aprendi que ser professor não é ser perfeito e sim alguém disposto a aprender todos os dias. Paulo Freire (2011, p.92) diz: “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.” E me identifico com essa afirmação, uma vez que para me relacionar com os alunos eu tenho que entender quais são as motivações deles, saber que da mesma forma que eu passei por algum tipo de dificuldade seja ela financeira, intelectual ou social eles também estão suscetíveis a passar. Além disso, percebo que ganhei um olhar mais delicado em relação à docência.

Essa jornada me motivou a querer instrumentalizar melhor os meus futuros alunos. Antes eu achava que Língua Portuguesa era apenas sobre gramática, sobre aprender ler e escrever e principalmente sobre entender o que se lia. Atualmente, e ainda com um longo caminho pela frente de aprendizado, sei que o tipo de instrumentalização que eu queria passar não era de fato a mais adequada. Ensinar é preparar, mostrar mundos e possibilidades aos que estão de certa forma na nossa responsabilidade educacional.

Lecionar não é mágico, é difícil, pois envolve vários indivíduos e uma abordagem adotada de forma algumas vezes inadequada pode prejudicar uma vida inteira de desenvolvimento pessoal do aluno. Hoje penso no quanto alguns posicionamentos dos professores podem afetar negativamente a mente e a vida de outras pessoas, reflito no que exatamente devemos fazer e aprender para conseguir nossos objetivos.

Por fim, penso quais são os currículos a serem seguidos e se só o “currículo” é capaz de instrumentalizar o indivíduo. Reflito também sobre o peso que o estudante carrega em relação a estipulação do tempo necessário para se formar, sendo que temos mais de cinquenta matérias, duzentas horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais e quatrocentos e quatorze horas de Extensão, além do Estágio obrigatório, tudo isso em oito períodos. Por muito tempo, me senti incapacitada e frustrada por não conseguir realizar a expectativa de duração do curso em quatro anos, e é normal, nem todos conseguimos, o que não podemos é

desistir por essas circunstâncias. Eu demorei treze períodos, mas com muito orgulho estou subindo mais um degrau de uma escada na minha vida acadêmica e profissional. Nos primeiros períodos da faculdade, meu professor mencionou a frase de Aristóteles que dizia: “A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces”. Atualmente entendo o que ele quis dizer: educar e ser resultado dessa educação dá trabalho e exige esforço, dedicação e comprometimento para um processo às vezes complexo, porém os frutos decorrentes desse empenho são gratificantes e recompensadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA IBGE. PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agenciade-> Acesso em: 22 fev. 2022.

A LEI DE COTAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO BRASIL E SUA PRIMEIRA DÉCADA. Conexão UFRJ, 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/03/a-lei-de-cotas-nas-universidades-federais-do-brasil-e-sua-primeira-decada%ef%bf%bc/> Acesso em: 29 mar. 2022.

A LEI QUE TRANSFORMA A UNIVERSIDADE, A UNIVERSIDADE QUE TRANSFORMA A SOCIEDADE. Conexão UFRJ, 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/04/a-lei-que-transforma-a-universidade-a-universidade-que-transforma-a-sociedade/> Acesso em: 11 abr. 2022.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

BUENO, B. O. et al. (Org.). **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade** Educação e Pesquisa, São Paulo, 2002.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOURI, Mônica de Souza. Evasão e Permanência na Educação Superior - uma perspectiva discursiva: contribuições para o debate. In: HERINGER, Rosana,(organização) **Educação superior no Brasil contemporâneo: estudos sobre acesso, democratização e Desigualdades.** Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2018. Cadernos do LEPES - Vol. 1 (e-book)

HOURI, Mônica de Souza. **Evasão e permanência na educação superior** – uma perspectiva discursiva. Tese de Doutorado em Educação (357f.) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

MORAIS, Maria Elisa Salazar. **Minha trajetória: um retrato autobiográfico em formação.** 2013. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2013.

RAMOS, F. B., & Espeiorin, V. M. (2009). **Letramento acadêmico: Leitura e escrita na universidade: entrevista com David Russel.** Conjectura: filosofia e educação, 14(2).

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação: Revista Brasileira de Avaliação da Educação Superior**, Sorocaba, v. 19, n. 3, nov. 2014.

SANGOI ANTUNES, Helenise. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras Educação. **Revista do Centro de Educação**, vol. 32, núm. 1, 2007, pp. 81-95 Universidade Federal de

Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117117311006.pdf> Acesso em: 17 fev. 2022.

SANTOS, Dyane B. R. **Para além das cotas: A permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 2009.214 f. Tese Doutorado

SOUZA, Greysy. K. A; REIS, Dyane B. Os “Novos” Universitários E Os (Des) Caminhos Para A Afiliação Estudantil E A Permanência. **Revista Olhares Sociais**, PPGCS, UFRB, vol. 03. n. 02 – 2014.

TEIXEIRA, L. C. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 37-64, 2003. DOI: 10.1590/S0103-65642003000100004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42390>. Acesso em: 19 abr. 2022.

TENENTE, Luiza; SANTOS Emily. Impacto da Pandemia no Ensino Superior, G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/14/impacto-pandemia-ensino-superior.ghtml> Acesso em 12 mar 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Programa de Ações Afirmativas da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis, PROAES/PR-7, Resolução Consuni nº 02/2019, 14 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://politicasestudantis.ufrj.br/images/Institucional/Politica_de_assistencia_estudantil_Resolucao_02_2019.pdf Acesso em: 13 fev. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Pró-Reitoria de Políticas Estudantis, PROAES/PR-7, Portaria 2396, de 20 de março de 2020. Disponível em: https://politicasestudantis.ufrj.br/images/Editais/censo_residencia_estudantil/Portaria_2396_PR7_Covid19_residencia_estudantil.pdf.pdf Acesso em: 19 mar. 2022.
<https://bit.ly/3vnXsBX>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Boletim Pró-Reitoria de Políticas Estudantis, PROAES/PR-7, Portaria nº 3591, de 21 de maio de 2020. Disponível em: https://politicasestudantis.ufrj.br/images/DOCUMENTOS/Portaria_3591_20052020_novos_beneficios_covid.pdf Acesso em: 19 mar. 2022.

ZARTH, Jéssica Fernanda. **Uma aventura autobiográfica: memórias da formação docente**. 2018. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/2364> Acesso em: 15 fev. 2022.